

Uma nota sobre a gemelidade da água.

"Um pouco por todo o mundo e particularmente na América, alguma ligação entre gémeos e distúrbios meteorológicos se assinala, pela positiva ou pela negativa: os gémeos têm o poder de chamar o frio ou a chuva ou, pelo contrário, de os dissipar."

(Claude Lévi-Strauss, (1983) "Une Préfiguration anatomique de la geméllité", in Le Regard Éloigné, pág. 277)

Na sua recomendável brevidade e sem prejuízo do seu papel de cifra daquilo que nomeia e anuncia, um título goza muitas vezes de uma liberdade que subtítulos e indexadores não têm. O deste projecto nasce de uma ideia banal sugerida pela imagem do duplo nascimento do rio que resulta da interposição da barragem nele e da construção a partir dela de uma estrutura de rega. Neste sentido o título reflecte apenas o facto óbvio de duas correntes de água distintas divergirem a partir da intercepção de uma só. Esta ideia simples ressoa, contudo, um pouco para diante.

O Mira, nascido de um barranco em Almodôvar e da confluência nele de outros ribeiros menores, tem em Stª Clara como que um segundo nascimento e uma segunda nascente: a do escoamento da enorme represa que se lhe impõe. Dali fluem dois cursos de água diferentes, ambos nascidos da mesma "bolsa de águas" que a vasta albufeira retém. Um dos cursos retoma o leito natural do rio geográfico que fez historicamente a coluna dorsal do território a que dá o nome; o outro corre por um dedalo de condutas artificiais e lançou o território às ambições e ao espaço da globalização que alcançou.

Destinos bem contrários e, contudo, comuns; diferentes e idênticos; em parte simultâneos, em parte sucessivos; irresolutos na sua artificial separação que esconde algo de um remorso mal recalçado e de mau agoiro frente ao colosso da obra e à ameaça catastrófica que está nele sustida.

Destinos gémeos e intrigantes, marcados pela assimetria e pela prodigiosa criação de uma abundância de água, talvez ilusória, a partir do mesmo rio modesto e remoto a que ambos pertencem por nascimento, de cujo alimento dependem e que a ambos condena a uma rivalidade que, como todas, tarde ou cedo será posta à prova e decidida, ou cruelmente perpetuada.

Talvez caiba ao clima fazer hoje o papel dos deuses e do mito... mas, entretanto, ao rés da vida humana presa à terra, outras histórias acontecem e é sobre elas que este projecto incide.

Que a perturbadora ocorrência da gemelidade, real e figurativa, tenha permitido à Antropologia, para já não dizer à Psiquiatria, explorar estruturas dualistas em vários casos e sociedades pelo mundo não será apenas uma metáfora sugestiva para este projecto pois que ele nasce em tempos e de questões de Alterações Climáticas e daqueles "distúrbios meteorológicos" que os gémeos regem "um pouco por todo o mundo".

O actual momento do Antropoceno a que a nossa sociedade nos conduziu, e do qual teremos de encontrar uma superação para todos, não ficará alheio ao pensamento mitológico nem escapará aos limites do dualismo Natureza-Cultura em que se funda a sua origem. Menos ainda à unidade congénita e às anomalias da nossa existência dividida e divisora no mundo. Tal como nestas águas, e daí o título.

Pedro Prista